



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E SOCIAIS**

**EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO EXTERIOR
BRASIL X CHINA
1980 A 2004**

ALEXANDRE MALAGUTI PACHECO DE OLIVEIRA

**BRASÍLIA,
2005**

ALEXANDRE MALAGUTI PACHECO DE OLIVEIRA

**EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO EXTERIOR
BRASIL X CHINA
1980 A 2004**

Monografia apresentada como requisito para conclusão do curso de bacharelado em Relações Internacionais do Centro Universitário de Brasília.

Orientador: Prof. Cláudio Ferreira da Silva.

BRASÍLIA,
2005

BANCA EXAMINADORA

MEMBROS DA BANCA	ASSINATURA
1. PROFESSOR ORIENTADOR Prof.: Cláudio Ferreira da Silva	
2. PROFESSOR CONVIDADO Prof.: Alaor Silvio Cardoso	
3. PROFESSOR CONVIDADO Prof.: Carlito Roberto Zanetti	
MENÇÃO FINAL:	

Brasília/DF 31,de outubro de 2005.

Agradeço a minha mãe Lígia Malaguti, que sempre me apoiou em tudo que eu escolhi para minha vida me dando carinho e atenção sempre que eu precisei.

A meus amigos que comigo enfrentaram várias situações, mesmo não sendo do meio acadêmico, foram e são fundamentais na minha vida e na continuidade da minha jornada.

A uma pessoa especial, que nos últimos meses me fez abrir os olhos e enxergar a vida de maneira muito melhor, Fernanda Costacurta.

Aos professores, inclusive meu orientador Cláudio Ferreira, que me ajudaram e me incentivaram a estudar e a buscar o conhecimento, até aqueles que não são do ramo de Relações Internacionais, como o Professor Antonio Chaib, mas que como amigos me ajudaram até o final desta monografia.

A todos aqueles inclusive irmãos, avô, tio(a)(s), primos(as) que, de uma forma ainda que indireta, contribuíram na minha formação acadêmica e, com certeza, à minha futura formação profissional.

Sobretudo, dedico este trabalho a DEUS que comigo está a todo momento e me deu forças para acreditar que eu podia e, pois, finalizar a monografia.

“Ria para o mundo e ele rirá com você,
chore para o mundo e chorará sozinho”.

ABREVIATURAS E SIGLAS

APEC – Ásia Pacific Economic Cooperation

APN – Assembléia Popular Nacional

CCPPCh – Conferência Consultiva Política do Povo Chinês

CNI – Confederação Nacional da Indústria

Embrapa – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

IED – Investimentos Estrangeiros Diretos

IME – Índice de Mudança Estrutural

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

MDIC - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

MRE – Ministério das Relações Exteriores

OMC – Organização Mundial do Comércio

P&D – Pesquisa e Desenvolvimento

PCCh – Partido Comunista da China

PIB – Produto Interno Bruto

RPC – República Popular da China

RESUMO

O presente trabalho visa a análise da evolução da relação comercial Brasil China e os impactos econômicos que se refletiram na balança comercial brasileira de 1.980 a 2.004. É feita uma observação deste impacto, embasada no contexto histórico do período. O proveitoso relacionamento entre Brasil e China e suas similaridades é abordado para exemplificar que, do convívio amistoso entre os dois países, pode surgir uma parceria que virá a beneficiar ambos os lados. São definidos conceitos e características da relação comercial Brasil China assim como suas aplicações e seus resultados no cenário internacional, para melhor explicar esse relacionamento que apesar de recente já vem demonstrando grande potencial de desenvolvimento.

O trabalho também apresenta particularidades da China como características sócio-econômicas, populacionais, organização política, economia interna, entre outros no primeiro capítulo e o segundo capítulo é designado para falar do início da relação comercial do Brasil com a China em 1.979. Para tanto foram abordados conceitos como integração econômica, superávits comerciais e dívida externa.

Para concluir, a terceira parte do presente trabalho, monta um quadro de perspectivas atuais citando a continuidade das medidas adotadas de Mao Tse Tung antes de sua morte em 1.976 até Hu Jintao recentemente.

SUMÁRIO

SINOPSE / ABREVIATURAS

INTRODUÇÃO.....	11
I - JUSTIFICATIVA.....	14
II - OBJETIVOS.....	15
2.1 Geral	15
2.2 Específicos.....	15
III - HIPÓTESE.....	16
IV - METODOLOGIA.....	17
V – REFERÊNCIAL TEÓRICO.....	18
VI - A CHINA	20
6.1 Características geográficas populacionais.....	20
6.2 Organização política	23
6.3 Economia interna.....	27
6.4 História comercial com o Brasil.....	31
VII - BRASIL x CHINA	34
7.1 1980 a 89.....	34
7.2 1990 a 99.....	39
7.3 2000 a 04	45
VIII – PERSPECTIVAS ATUAIS.....	48
CONCLUSÃO.....	53
REFERÊNCIAS.....	56

INTRODUÇÃO

Brasil e China são dois importantes parceiros do mundo em desenvolvimento. A China se situa na condição de gigante industrial, comercial e financeiro, capaz de mudar a dinâmica da economia mundial.

Esta monografia tem o objetivo de analisar os impactos econômicos que as relações comerciais Brasil China trouxeram à balança comercial brasileira de 1.980 até dezembro de 2.004.

A progressão da economia chinesa é um dos fenômenos que mais chama a atenção deste o início de século, evidenciando-se como grande mecanismo, propulsor da economia mundial. A média anual de crescimento chinês é de 9,4% do PIB ao ano nos últimos 26 anos, em função do fim do seu isolamento econômico em 1.979. No entanto, os chineses adotaram medidas para reduzir esse crescimento já que o país não tem recursos nem infra-estrutura para continuar crescendo nesse ritmo.

A reintegração de dois territórios, agora chineses, Macau, antigo território de Portugal, reintegrado em 1.999, e Hong Kong, cedido à Inglaterra logo após a China perder a guerra do ópio e reintegrado em 1.997, foram fatores que levaram a China a ser conhecida como “um país, dois sistemas”, já que essas regiões transformaram-se em regiões administrativas especiais e mantiveram suas características capitalistas em um regime comunista. A decisão de manter as características capitalistas destas regiões colaborou sobremaneira para a participação chinesa na Organização Mundial do Comércio após um ano e meio de negociações.

O Banco Mundial faz excelentes projeções para o crescimento econômico da China a partir da adesão deste país à OMC (Organização Mundial do Comércio), em 2.002, advertindo, porém, sobre a possibilidade de problemas, relacionados ao aumento da inflação e do desemprego prejudicar o desenvolvimento da economia chinesa. No entanto, observa-se ali a implantação de programas, tentando manter o crescimento estável e sustentável, o qual foi acelerado não somente por sua adesão a OMC, mas também à APEC - *Asia-Pacific Economic Cooperation* - que promove abertura de mercado entre 21 países membros, com 55% do PIB e 46% do comércio mundial, possibilitando o aumento da renda *per capita* chinesa para cerca de US\$ 1.000,00.

Logo após a entrada da China na OMC, em 2.002, as relações comerciais do Brasil se estreitaram significativamente, sendo que, nos últimos três anos, houve incremento substancial no intercâmbio de produtos entre Brasil e China com perspectivas cada vez melhores, já que o país brasileiro possui características muito próximas das chinesas quando se pensa em grandeza de território, potencial de crescimento, população, linhas telefônicas por habitante, parceria comercial, mercado consumidor, etc.

A China concentra suas importações brasileiras nos setores de recursos naturais e manufaturados, principalmente produtos como o óleo de soja e o minério de ferro. Justamente neste campo o Brasil tem condições de se tornar um forte parceiro econômico, devido à sua vantagem competitiva.

As relações diplomáticas entre Brasil e China foram iniciadas em 1.976, porém o estreitamento das relações entre os dois países começou e se diferenciou a partir da década de 80, decorrente de medidas, adotadas pelo governo chinês para transformar sua economia em

economia de mercado. Apenas há pouco tempo a China passou para o bojo dos países que integram significantes relações comerciais com o Brasil, tornando-se, a partir de 2.004, o segundo mercado consumidor de produtos exportados pelo maior país da América do Sul. Esta nova relação merece uma avaliação, para que se compreenda melhor a necessidade de aumentar esforços na otimização desta parceria em função dos impactos, gerados na balança comercial brasileira.

I - JUSTIFICATIVA

Esse tema foi escolhido devido a força que a China representa no equilíbrio da economia mundial. Sua política externa visa um crescimento controlado, porém capaz de mudar o cenário político e econômico de países e até de órgãos tão importantes e já há muito consolidados como a Organização Mundial do Comércio. O estreitamento das relações Brasil China poderá vir a gerar empregos, investimentos e superávits na balança comercial de ambos os países. Desta maneira, todos os estudos realizados no sentido de conhecer melhor aquele país e sua relação com o Brasil, colaborarão sem dúvida no estreitamento desta relação e numa melhor avaliação do seu potencial consumidor.

A relevância do tema se dá a partir do momento em que a economia chinesa tem a capacidade de intervir e até de ameaçar outras economias hegemônicas do mundo, sendo até especulada como a provável economia capaz de ameaçar as finanças norte americanas. Hoje a China possui reservas de aproximadamente US\$ 800 bilhões que podem ser aplicados em qualquer país seguro e com afinidade à China.

Da maneira como será exposto, o tema terá como principal objetivo demonstrar que a evolução da comercialização de produtos Brasil-China pode gerar impactos positivos para os dois países e que apesar do aumento de exportações brasileiras para aquele país estar ligado diretamente ao aumento da comercialização de commodities o Brasil tem como principal fator favorável o desempenho superavitário na balança de aproximadamente US\$ 1 bilhão até setembro de 2005.

II - OBJETIVOS

2.1. Geral

Analisar a evolução da relação comercial Brasil China e os impactos econômicos que se refletem na balança comercial brasileira de 1.980 até 2.004.

2.2 Específico

- 1- Analisar a evolução da relação comercial Brasil China de 1.980 a 2.004 com relação aos impactos na balança comercial brasileira.

III - HIPÓTESE

H0 – A relação comercial bilateral é uma relação que pode crescer potencialmente possuindo um mercado no qual não se aproveita tanto quanto se poderia aproveitar caso as partes demonstrassem mais interesse.

H1. - As negociações entre os dois países podem ser responsáveis pelo crescimento econômico de ambos, principalmente se o Brasil mantiver o estágio superavitário atingido atualmente.

IV - METODOLOGIA

A metodologia aplicada neste estudo foi a exploratória e descritiva sobre a relação comercial entre duas das maiores potências econômicas mundiais com dados secundários coletados em:

- Ministério das Relações Exteriores do Brasil (MRE);
- Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC);
- Livros Específicos (pesquisa bibliográfica);
- Informes;
- Periódicos;
- Visitas à *web* do Ministério das Relações Exteriores - MRE, da Embaixada da China, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, da Confederação Nacional da Indústria – CNI, entre outras.

V - REFERENCIAL TEÓRICO

A teoria das vantagens comparativas de David Ricardo, nasceu em um contexto de debate sobre uma lei protecionista da era mercantilista – a Lei dos Cereais (Corn Laws) -, que proibia a importação de cereais na Inglaterra de países com maior extensão territorial se os preços agrícolas caíssem abaixo de um piso preestabelecido.

O conceito de “vantagem comparativa” apesar de antigo é muito pouco difundido. A razão é que o princípio das vantagens comparativas é pouco intuitivo, contrariamente ao conceito de vantagens absolutas, desenvolvido por Adam Smith, segundo o qual um país deve especializar-se na produção de bens em que gaste menos horas de trabalho para produzir uma unidade.

Em sua obra principal – Princípios de Economia Política e Tributação, publicada em 1817-, David Ricardo aprofundou a teoria das vantagens absolutas elaborada por Adam Smith ao demonstrar que dois países, A e B, teriam vantagens mútuas quando se especializassem na produção dos bens X e Y, respectivamente, ainda que, por exemplo, o país A tivesse menores custos de produção medidos em horas de trabalho (vantagem absoluta) nos dois produtos em relação ao país B.

Segundo Ricardo, isso é possível porque o país B poderia ter maior eficiência na produção de um dos bens em relação ao país A – daí o termo vantagens relativas. Na teoria das vantagens absolutas de Adam Smith, o comércio internacional não seria vantajoso para as duas nações porque o país B não teria bens a custos competitivos para vender ao país A.

Essa maior eficiência relativa, mesmo quando em termos absolutos um, dos países produz as mercadorias com menor tempo de trabalho, ocorre em virtude das diferentes dotações em fatores de produção – naturais (recursos naturais) ou adquiridos (tecnologia e/ou educação dos trabalhadores) -, os quais determinam custos de produção diferentes e, conseqüentemente, preços de mercadorias também diferentes entre os países.

Dominick Salvatore em seu livro ‘Introdução a Economia’ defende que tendo em conta que a disponibilidade de recursos difere entre as nações, o custo de oportunidade de produzir mais de uma mercadoria (em termos de uma segunda que não seria produzida) geralmente também difere. Em um mundo de duas nações e de duas mercadorias, cada uma deve especializar-se na produção da mercadoria com o menor custo de oportunidade; esta é a mercadoria em que a nação tem uma vantagem comparativa. A nação deve trocar parte de sua produção (com a outra nação) pela mercadoria com o mais alto custo de oportunidade; esta é aquela em que a nação tem uma desvantagem comparativa. Agir desta forma resulta em uma maior produção combinada de ambas as mercadorias do que aconteceria na ausência de especialização em produção e comércio.

Heckscher-Ohlin afirma que um país exportará o bem cuja produção é intensiva em seu fator relativamente abundante e importará o bem cuja produção é intensiva em seu fator relativamente escasso. Isto é, prevalecerá a lei das vantagens comparativas.

Esta lei estabelece o princípio de que um país tem vantagem comparativa na produção de bens intensivos no fator de produção mais abundante, já que tal fator seria relativamente mais barato se comparado ao preço do outro fator, que seria escasso.

A partir das predições dos teoremas de Heckscher-Ohlin e Stolper e Samuelson, pode-se esperar que mudanças em políticas comerciais, como a experimentada pelo Brasil, tenham potenciais impactos na alocação setorial do emprego e nos salários relativos, respectivamente e, conseqüentemente, mudanças nas estruturas de emprego e salários inter-industriais. Num país em desenvolvimento, setores cujas tecnologias são intensivas em trabalho pouco qualificado devem observar crescimento da participação no emprego, enquanto setores intensivos em trabalho qualificado devem perder participação no emprego devido à suposta perda de competitividade no período pós-abertura. De outro lado, os salários relativos dos trabalhadores dos setores que experimentam maior concorrência externa devem diminuir, enquanto os salários relativos dos trabalhadores dos setores que ganham espaço devem aumentar.

Para Heckscher-Ohlin um país que introduz reformas comerciais liberalizantes deve observar aumento da produção dos bens intensivos em fatores de produção abundantes, alterando, assim, a estrutura de emprego no país.

VI - A CHINA

6.1. Características geográficas populacionais

Segundo os estudiosos a presença do homem na China se dá a cerca de quatrocentos mil a um milhão de anos. Este dado é comprovado, pois foram encontrados na China, fósseis do Homem de Pequim e do Homem de Yuanmu, antepassados dos humanos modernos.

Esta civilização conseguiu se fixar na China, quando começou a praticar a atividade da agricultura em torno do Rio Amarelo (Huang-Ho), cujo manancial fertilizava o solo. Portanto, esta atividade permitiu o desenvolvimento e a concentração de povos. A partir daí foi possível a formação das primeiras cidades por volta do século II A.C , na planície norte do solo chinês. Nestas cidades têm-se o relato das primeiras escritas e do desenvolvimento da tecnologia do bronze.

Localizada na Ásia Oriental, a uma distância de aproximadamente 18.000 quilômetros do Brasil, com o nome de República Popular da China e adotando um regime comunista com exceção de zonas especiais (Macau e Hong Kong) que mantêm um sistema capitalista desde que eram colônias de Portugal e Inglaterra respectivamente, a China tem como sua capital a cidade de Pequim, ou como dito no mandarim (chinês), língua oficial e por isso a mais utilizada entre um povo de 1,3 bilhões de habitantes, Beijin.

A China tem aspectos geográficos próprios, onde 2/3 de seu território é formado por cadeias montanhosas e desertos, isolando a China do restante da Ásia. No montanhoso platô do Tibet encontra-se o Himalaia e lá se situa o monte Everest, o ponto mais alto do mundo com 8.846 metros de altitude. Ainda, na China existem os dois dos mais extensos rios do

mundo o Yang-Tse (Rio Vermelho) e o Huang-Ho (Rio Amarelo), que possui essa coloração por causa da lama que ele carrega em suas águas durante todo o seu curso.

Possuindo um território de 9.572.909 km² a China é tem imensa riqueza de biodiversidade animal e vegetal, possuindo mais de 32.000 espécies em sua flora. Até 1.997 a China possuía 932 reservas naturais, totalizando 76.710.000 de hectares. Essa grande variedade é possível graças ao seu clima variado. São 8 tipos de clima catalogados, que variam desde o semi-árido até o tropical de monções. Além disto, possui jazidas minerais abundantes e variadas, ocupando a terceiro lugar no mundo em reservas minerais.

Em decorrência desta variedade na flora e fauna chinesa, a proteção ambiental, o desenvolvimento da medicina e da farmácia tradicional foram bastante incentivados desde a fundação da República Popular da China em 1.949. Além disto, o governo chinês adotou como base estratégica a sanidade rural, a profilaxia e a proteção da saúde. Para os homens, a expectativa de vida chega aos 69,8 anos e para as mulheres alcança o patamar de 73,6 anos, ou seja, 3,8 anos a mais que a dos homens (SHI, 1.998).

Os chineses possuem uma alimentação variada, constituída de cereais, especialmente arroz, trigo, milho sorgo e painço. Consomem também frutas como banana, laranja, maçã e pêsego, além de legumes variados como pepino, rabanete, nabo e couve. A carne preferida é a carne de porco, porém escassa. Por isso, a maior fonte de proteína são peixes e aves, mas o hábito alimentar, principalmente nas áreas mais pobres, ainda é muito estranho para os ocidentais. Lá, come-se de tudo, até carne de cachorro, passando inclusive por insetos.

Diferentemente de grandes países desenvolvidos como Estados Unidos e Canadá que

utilizam predominantemente os modais ferroviário e aquaviário, no Brasil, o sistema mais utilizado é o rodoviário, responsável por cerca de 60% do total de carga transportada. Neste aspecto, a China, apesar de ainda estar em um patamar intermediário entre economia planificada e economia de mercado, já se aproxima dos países desenvolvidos e adota como principais modais os meios ferroviário e aquaviário, enquanto apenas 8% de sua carga são transportadas de forma rodoviária. Algumas das principais transportadoras aquaviárias da China são conhecidas no mundo inteiro, como é o caso da *China Marine Bunker Supply Company* (CHIMBUSCO), especializada em suprimento de combustível para navios. Outra empresa mundialmente conhecida é a *China Ocean Shipping Agency* (PENAVICO).

Quanto aos aspectos populacionais, a China é o mais populoso do planeta, atingindo grandes proporções de 1.300.000.000 de habitantes, representando 22% da população mundial, com uma densidade de 130 hab./km². No momento do estabelecimento da Nova China Comunista, a população continental era de 541.670.000 habitantes. Com o desenvolvimento econômico, melhorias na área de saúde de maneira geral, incluindo práticas de higiene, incremento do PIB e o regime comunista de protecionismo, a qualidade de vida da população melhorou significativamente. Por causa deste crescimento acelerado e insustentável o país adotou políticas de controle de natalidade rigorosas, o que fez diminuir consideravelmente a taxa de natalidade de 5,8% no início da década de 70 do século XX, para aproximados 1,8% atuais (<http://www.embchina.org.br>).

Na tabela abaixo, pode-se ver a taxa de crescimento médio anual (PIB) da China, assim como a distribuição da sua população e a quantidade de empregos.

China - Taxa de Crescimento Médio Anual (%)			
	1.979-2.002	1.990-2.002	1.998-2.002
PIB	9,3	9,2	7,8
População	1,2	1	0,8
Urbana	4,6	4,2	4,9
Rural	-----	0,5	1,5
Emprego	2,6	2,2	1,1

Fonte: *China Statistical Yearbook*

De acordo com os dados do IV Censo Demográfico Nacional de 1.990 da China, a maioria da população pertence à etnia Sinica, que é denominada de população Han, constituindo 91,96% da população total nacional. Os outros cerca de 8% da população são chamados de minorias étnicas e representam 55 etnias. O convívio amistoso entre estas etnias, o intercâmbio político, econômico e cultural e a existência de um sistema de autonomia regional étnica propiciam à China condições objetivas para um amplo crescimento.

6.2 Organização política

A China foi constituída como República em 04 de novembro de 1911 em Xangai, devido à vitória da Revolução Democrática Burguesa, liderada por *Sun Yat-Sem*, mas ainda estava longe de adquirir sua auto-suficiência financeira (SCHRMANN, 1.971.).

De fato, em 1.949, quando o partido comunista alcançou o poder e estabeleceu a RPC, a decisão de manter o *status quo* em Macau e Hong Kong foi aceita e estava baseada em um raciocínio com motivações políticas e econômicas (MARTINS, 1.958).

O Partido Comunista da China (PCCh), fundado de 27 a 30 de junho de 1.921, começou sua caminhada pelo poder, dirigindo o povo chinês na luta contra o feudalismo, o imperialismo e o capitalismo democrático dominantes na época (CHEVRIER, 1.996).

Em 1.945, com o cenário internacional já confuso, explodia na China a Guerra Nacional de Libertação entre os Governos de Kuomintang e os Comunistas, que, com a vitória em 1.949 fizeram os seguidores de Kuomintang se refugiarem na ilha de Taiwan. Neste mesmo ano e contando com a ajuda Norte Americana os refugiados promoveram a separação política de Taiwan que se viu separado da China. A RPC (República Popular da China) busca a todo custo a reunificação de todo o território chinês. Desta forma, a China continua envidando esforços no sentido de reintegrar Taiwan. Segundo os chineses, da mesma forma como aconteceu com Macau e Hong Kong, Taiwan poderia administrar de forma livre seu sistema político-partidário e principalmente militar. Neste sentido, para os chineses, o pensamento “uma só China” continuaria a ser uma verdade, com Taiwan participando do que se conhece como “um país, dois sistemas” (ZEMIN, 1.996).

Em 1.949, o Partido Comunista, que está no poder até hoje, juntamente com personalidades democráticas, celebraram a I Sessão Plenária da Conferência Consultiva Política do Povo Chinês (CCPPCh), que aprovou o “Programa Comum”, com caráter de constituição provisória e que estabelecia o nome do país como República Popular da China, seus sistemas de governo e de estado. Assim foi eleito o governo Popular Central.

Desde 1.954, quando da implementação da constituição chinesa, a CCPPCh tem funcionado como uma frente única para consulta política e supervisão democrática, organizando para isso uma sessão anual com cerca de dois mil membros (BELLUCCI, 2.004).

Desde sua criação, a RPC (República Popular da China) adota uma ditadura democrática popular. O Estado institui e controla os sistemas de Assembléia Popular, Cooperação Multipartidária e Consulta Política. A Assembléia Popular (APN) é o mais alto órgão do Estado e exerce o poder de legislar, controlar, decidir, organizar, tomar decisões e até nomear dirigentes das mais diversas áreas de interesse chinês. Quem implementa as leis, criadas pela APN, é o Governo Popular Central, maior órgão administrativo chinês. Através de seu Comitê Permanente, ele estabelece normas e regulamentos administrativos. A administração chinesa baseia-se na administração de províncias, prefeituras autônomas e grandes cidades, cantões e municípios. Por causa desse vasto diferencial administrativo e político é que o partido comunista e os partidos democráticos trabalham juntos, visando à prosperidade cada vez maior.

Apesar de o partido comunista estar no poder a 56 anos, os democráticos participam de todos os assuntos importantes para a vida política do país e muitas personalidades representativas democráticas destes partidos são deputados das assembléias populares e membros, junto à CCPPCh.

Outra característica que diferencia a política chinesa é o fato de o presidente chinês ser eleito pela APN e só representar os deveres de chefe de estado junto com ela, além de nunca representar os interesses internos do país, representados exclusivamente por quem os nomeia (APN).

O sistema político chinês é diferente dos presidenciais e parlamentares mais conhecidos e estudados pelos brasileiros. A Assembléia Popular Nacional chinesa que controla todos os outros órgãos, incluindo o Executivo e o Judiciário, tem um máximo de três

mil deputados, eleitos indiretamente nos congressos populares provinciais e têm por característica cobrar resultados dos poderes Executivo e Judiciário (LIMA, PEREIRA, CABRAL, 1.999).

Em 1.949, a cisão das relações sino-soviéticas e países socialistas do leste europeu levaram a China a uma posição de isolamento internacional que começou a diminuir a partir do estreitamento das suas relações com os Estados Unidos, culminando com a sua inserção nas Nações Unidas em 1.971. A grande reforma e aberturas chinesas foram caracterizadas no III plano do XI Congresso da PCCh, com um programa, visando a modernizações em quatro campos: agricultura, indústria, ciência técnica e defesa nacional. As transformações nestas áreas foram articuladas por Deng Xiaoping, que caracterizou o socialismo peculiar daquele país como “Socialismo com características chinesas”.

Embora com visões antagônicas sob muitos aspectos, incluindo os de direitos humanos, Estados Unidos e China mantêm uma relação, considerada essencial para a estabilidade e paz internacionais. Essa relação entre duas das maiores economias do mundo fez, nos últimos 20 anos, a China se concretizar num elevado índice de crescimento industrial, alcançando uma taxa média de crescimento de quase 10% ao ano e transformando-se em um dos líderes da economia mundial.

Na visão de Henry Kissinger, a China apresenta-se como um ator cada vez mais importante no novo cenário internacional. Segundo Kissinger, o potencial de crescimento da China é maior que o das atuais grandes potências mundiais. Os Estados Unidos da América são mais poderosos. A Europa está se articulando na tentativa de estabelecer uma unidade maior; a Rússia é um gigante que cambaleia e o Japão é rico, mas até agora, tímido. A China,

no entanto, com taxas de crescimento econômico que chegam a 10% ao ano, um forte sentido de coesão nacional e uma força militar cada vez maior, tem a possibilidade de maior crescimento relativo entre as potências (KISSINGER, 1.999).

Essa enorme possibilidade de crescimento dá à China o poder de barganhar e até de ameaçar a atual hegemonia dos Estados Unidos da América. Se firmada uma parceria, fundamentada nos interesses em comum entre Brasil e China, principalmente na macroeconomia e na macropolítica internacional, poder-se fortalecer o Brasil e entrar no mesmo compasso de desenvolvimento chinês (BELLUCCI, 2.004).

6.3 Economia interna

A China tem enfrentado com grande êxito o desafio da economia contemporânea, despertando a atenção de muitos políticos, economistas e mesmo de estados inteiros. Numa época, onde a globalização econômico-financeira influencia todas as relações comerciais, o Estado Chinês tem desempenhado com alta performance o papel de Estado Nacional-Desenvolvimentista, mantendo o equilíbrio de sua economia sem gerar inflação.

Brasil e China possuem muitas similaridades e interesses em comum como é o caso de suas macropolíticas. Ambos os países pensam de forma aberta e objetiva com projeções e perspectivas grandiosas. No lado ocidental, observa-se um país que precisa de parceiros para vários projetos como o desenvolvimento de diferentes pesquisas, cooperação científica e tecnológica, exportação de seus produtos, criação de empregos, através de investimentos estrangeiros, além de buscar parceiros que permitam importações com preços mais baixos. Estes também são interesses chineses, revelando uma possibilidade concreta de

relacionamento vantajoso para ambos os lados (BELLUCCI, 2.004).

O desenvolvimento dos países do Leste Asiático (Tigres Asiáticos) também contribuiu para o crescimento e desenvolvimento chinês. É o caso de Hong Kong, por exemplo, Região Especial Administrativa da China, que elevou a renda nacional chinesa, graças principalmente ao Japão, que impulsionou a industrialização daquela Região Administrativa para o mesmo nível dos estados industrializados do Ocidente.

Apesar de todo o desenvolvimento econômico e político chinês, desenvolvimento este que gerou uma mudança muito grande daquele país no cenário internacional, a China apresenta ainda uma das mais ricas tradições histórico-culturais da humanidade. Estas tradições multimilenares apresentam mesmo no século 21, para os ocidentais, um sentido tão inovador quanto, no início do império chinês, reinos de mesma cultura uniram-se e em uma conferência e transformaram-se em um império capaz de mudar o cenário mundial.

No entanto, embora se verifique o surgimento desta grande potência no cenário internacional, a economia interna passa por dificuldades óbvias como se pode verificar na tabela abaixo, que demonstra o aumento da oferta de mão-de-obra de trabalhadores urbanos contrapondo-se à diminuição da parcela de emprego urbano no setor estatal com acentuada disparidade desta relação entre 1.993 e 1.995. Esta disparidade justifica-se pelo fato de a implantação no país da economia de mercado que incentivou a migração da população rural para os centros urbanos em busca de melhores condições de vida, o que não acontecia nos anos de economia planificada, de 1.950 a 1.978, onde se observa que a proporção da população agrícola na população total só se reduziu em alguns poucos pontos percentuais, de 89,8% para 82,1%, respectivamente (BELLUCCI, 2.004).

EMPREGO NO SETOR PRODUTIVO ESTATAL

1.977-95

Ano	Parcela do Emprego	
	Milhões de Trabalhadores	Urbano
1.977	72	79
1.979	77	77
1.981.	84	76
1.983	88	75
1.985	90	70
1.987	97	70
1.989	1.01.	70
1.991.	1.07	70
1.993	1.09	68
1.995	1.1.3	65

Fonte: *Statistical Yearbook of Chine.*

No final de 1.997, dos 696 milhões de empregados chineses, 147,6 milhões eram trabalhadores da área urbana. Destes, 26,96 milhões estavam empregados na área estatal ou privada e o restante, praticamente 120 milhões de empregados, exercia atividades em empregos informais ou subempregos. A agricultura sozinha absorvia a mão-de-obra dos restantes aproximadamente 550 milhões de empregados dos quais pelo menos 100 milhões eram mão-de-obra excedente, mas mantidos em seus empregos. Portanto, segundo Beluci publicou em “Abrindo os Olhos Para a China”, a questão de desemprego assume proporções tais que necessita de medidas, dirigidas para a criação de uma média de mais de 7 milhões de empregos anuais em áreas urbanas (BELLUCCI, 2.004).

A lei que instituiu a legalidade das empresas privadas chinesas só foi editada em 1.999, apesar de crescerem no mercado chinês a uma taxa de 40% ao ano nas últimas duas décadas, embora de maneira informal. Estas mesmas empresas foram responsáveis, ainda na

informalidade e mesmo depois de sua legalização pela absorção de boa parcela da mão-de-obra chinesa, já que o setor estatal gerava apenas uma sensação de estabilidade empregatícia, mas, na verdade, não tinha e nem tem condições de absorver toda a mão-de-obra, proveniente do acelerado desenvolvimento chinês.

Outra maneira, encontrada para a geração de empregos, foi o conseqüente desenvolvimento através de Investimentos Estrangeiros Diretos. A partir da tabela abaixo, pode-se concluir que o crescente IED na China a fez aumentar progressivamente o número de projetos de 1.989 a 2.000, gerando empregos e colaborando para a estabilidade do país.

Investimento estrangeiro direto na China, 1.979-2000 (US\$ Bilhões).

Ano	Quantidade de projetos	Valor Contratado	Valor Realizado
1.979-89	21.776	33,8	15,5
1.990	7.273	6,6	3,5
1.991	12.978	12,0	4,4
1.992	48.764	58,1	11,0
1.993	83.437	111,4	27,5
1.994	47.594	82,7	33,8
1.995	37.001	91,3	37,5
1.996	24.556	73,3	41,7
1.997	21.001	51,0	45,3
1.998	19.799	52,1	45,5
1.999	17.101	41,5	40,4
2.000	22.532	62,7	40,8
Total	363.812	676,5	346,9

Fonte: www.chinafdi.org.com.

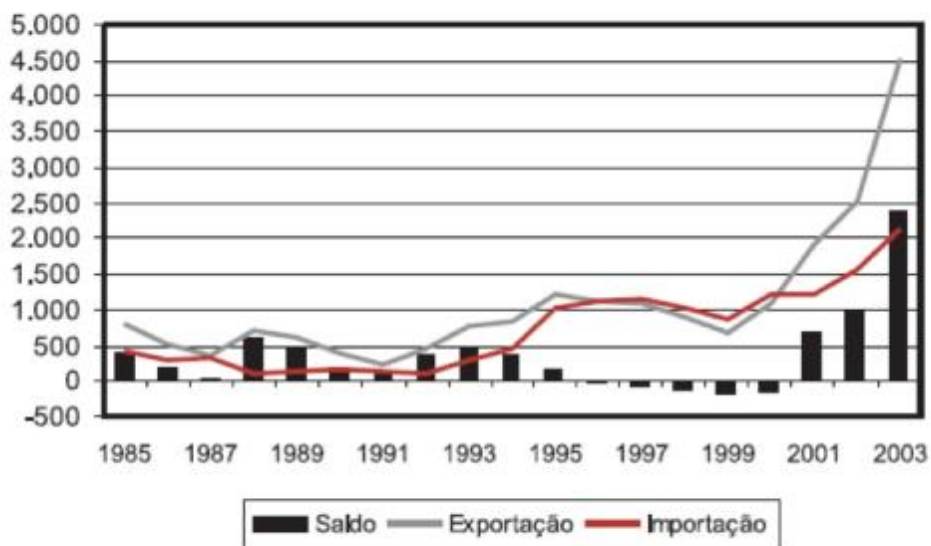
Apesar de o governo chinês adotar tais condutas, também deixa bem claro para a

sociedade externa o que a privatização não faz parte da agenda política chinesa e que o programa de reformas tem duas prioridades principais: harmonização da convivência da empresa estatal com o setor privado emergente no plano doméstico e a sustentação da competitividade internacional da indústria chinesa ao longo prazo (TAVARES, 2.003).

6.4 História comercial com o Brasil

No gráfico abaixo, pode-se ver o histórico das relações comerciais entre o Brasil e a China que tem sido quase sempre favorável ao maior país da América do Sul, registrando sucessivos superávits desde 1.985.

SALDO COMERCIAL DO BRASIL COM A CHINA (Em US\$ milhões)



Fonte: *China Statistical Yearbook*

Segundo Fernando Ribeiro e Hanry Porchet, em “O Perfil do Comércio Brasil-China”, pode-se identificar, neste gráfico, três fases distintas nos fluxos comerciais entre esses dois países.

- Ø De 1.985 a 1.992, o Brasil importava extremamente pouco em relação ao grande potencial de exportação chinês. O mercado de exportação chinês que, em 1.985, respondia por 3% do total, importado pelo Brasil, reduziu-se a menos de 1% em 1.991 e permaneceu estável em US\$ 100 milhões em 1.988 a 1.992.

- Ø De 1.993 a 1.998, fase de liberalização econômica e valorização/estabilização da moeda brasileira, a China ascendeu economicamente e virou um grande *player* no comércio mundial.

- Ø Finalmente de 1.999 a 2.003, os fluxos, comercializados entre os dois países, alcançaram os níveis, verificados nos tempos atuais, ficando evidenciado uma mudança estrutural tanto das importações quanto das exportações.

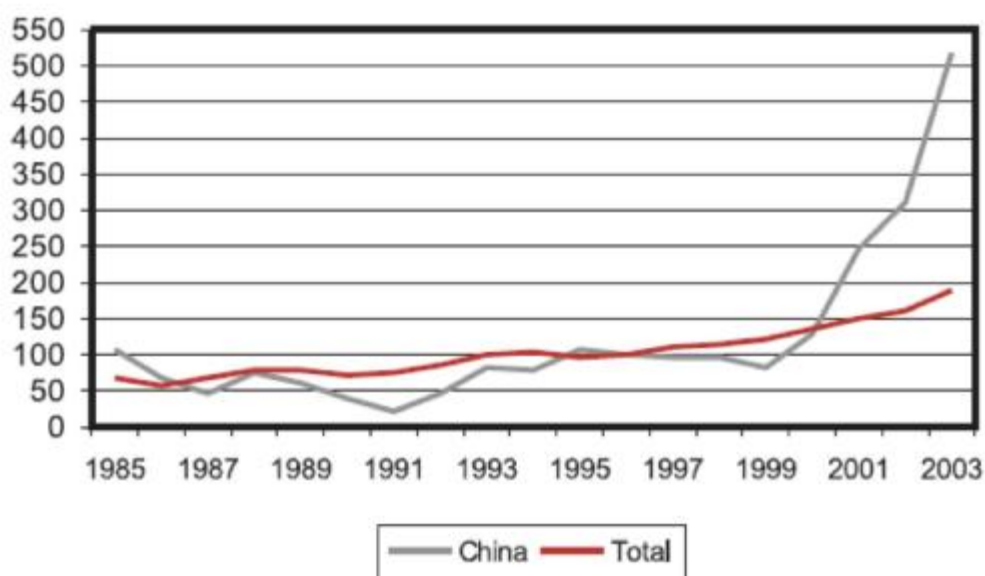
Segundo ainda os autores acima citados, a trajetória do índice de *quantum* das exportações totais do país e do mesmo índice, referente apenas às vendas para a China também se divide em três etapas:

- Ø Na primeira etapa de 1.985 a 1.992 o *quantum* das exportações brasileiras para a China teve decréscimo de quase 50%.

- Ø Já, na segunda etapa, de 1.993 a 1.999 o *quantum* de exportações com a China obteve um saldo positivo de 76% contra um *quantum* total de exportações em 41.%.

- Ø Finalmente podemos ver numa terceira etapa das relações comerciais entre Brasil e China, de 2000 a 2003, uma grande diferença no *quantum* exportado para a China, 525% e o *quantum* total exportado pelo Brasil, dez vezes menor de 52%.

QUANTUM DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS TOTAIS E PARA A CHINA (1996=100)



Fonte: *China Statistical Yearbook*

VII - BRASIL x CHINA

7.1. 1.980 a 1.989

Essa primeira década de abertura da economia chinesa foi marcada por inúmeras transformações políticas, econômicas, culturais, sanitárias, etc. Muita coisa do que se conhecia até então foi afetada com a morte do grande líder Mao Tse Tung, em 1.976. A partir daí, as autoridades chinesas começaram a pôr em prática um programa de reformas institucionais que levaram a China a um crescimento médio de 9,4% ao ano nas duas últimas décadas. Esses programas seguem seis regras principais, que, segundo o governo chinês, são:

1. Elevadas taxas de poupança doméstica;
2. Controle rigoroso sobre as atividades geradoras de divisas;
3. Acúmulo de capital no setor industrial, a partir de uma oferta ilimitada de mão-de-obra não qualificada e de subsídios ao emprego de trabalhadores qualificados;
4. Controle estatal dos setores, considerados estratégicos à manutenção do crescimento no longo prazo;
5. Incentivos ao investimento estrangeiro direto e à formação de empresas privadas nacionais em segmentos selecionados da economia;
6. Gradual adaptação do marco jurídico e institucional que regula as atividades

empresariais no país (TAVARES, 2.003).

Essas regras norteiam três principais marcos que passam a beneficiar o governo chinês a partir de 1.984:

1. Separar empresas e governo, reconhecendo, portanto, a personalidade jurídica de cada uma das empresas;
2. Organizar e estruturar cada uma delas, definindo deveres e obrigações junto ao estado e à sociedade;
3. Criar um vínculo que estabelece a relação entre empresas estatais e privadas (TAVARES, 2.003)

Segundo José Tavares de Araújo Junior, estas regras impunham também algumas condições para o desenvolvimento do setor privado apesar de serem estabelecidas pelo governo chinês para amparar as empresas estatais. Baseando-se nisso o setor privado, por sua vez, pressionava o governo para ter suas reivindicações, reconhecidas e por melhores condições no mercado de trabalho (TAVARES, 2.003).

Um dos maiores admiradores e seguidor de Mao Tse Tung foi o responsável pela implantação destas regras durante o 3º Plenário do 11.º Congresso do Partido Comunista. Deng Xiaoping pode adotar tais regras graças ao acúmulo de duas das principais funções no governo chinês, o cargo de Chefe de Estado Maior das Forças Armadas e o de Vice-Primeiro Ministro do Partido Comunista da China, que passou a exercer, após a morte de Mao Tse

Tung (SERRA, 1.999).

Estas mesmas normas, adotadas pela China, fizeram, no início da década de 80, a economia rural crescer a 7,6% ao ano, percentual que ficou bem acima do aferido entre os anos 1.953 a 1.978, que teve sua média em 2,7% ao ano (SERRA, 1.999).

Durante a década de 80 e 90, a redução da participação das economias, desenvolvidas no PIB industrial mundial, se fez notória. Em 1.970, esse índice era de 85% e, em 1.995, caiu para 78% (UNIDO, 1.997). Com a queda, os países de economias desenvolvidas, sofreram diminuição de 0,6% em seu índice de emprego industrial. Em contrapartida, países com a economia em desenvolvimento sofreram uma elevação em todos os índices, com especial destaque para os países asiáticos, principalmente a China, que, em 1.979, adotou algumas medidas, capazes de gerar enorme crescimento.

Segundo dados do Banco Mundial o Índice de Mudança Estrutural, em cinco anos (IME) da China, foi de 5,02%, 7,81%, 8,61%, respectivamente em 1.980, 1.985 e 1.990, enquanto os dados do Brasil foram de 8,01%, 9,69% e 9,59% no mesmo período. Em contrapartida, a taxa de crescimento anual do valor adicionado na indústria brasileira foi de -0,7% de 1.980 a 1.985 e de 0,4% nos cinco anos seguintes, enquanto a indústria chinesa crescia a uma taxa de 10,0% nos primeiros cinco anos de 1.980 e 9,0% de 1.985 a 1.990 (BONELLI, 1.998).



Fontes: OMC e CNI

Com as exportações em alta, atingindo US\$ 438,2 bilhões, apenas em 2.002, o que significa dizer que a China exportou, neste ano, 23 vezes mais do que em 1.980, quando suas exportações somaram US\$ 18 bilhões, a China solidificou sua economia, aliando uma forte legislação de proteção ao capital estrangeiro com a entrada na OMC, passou então a se lançar entre os maiores exportadores do mundo e formalizar-se como um *player* dentro das regras internacionais.

Grande parte do aumento das exportações chinesas se deu devido ao aumento da competitividade nos manufaturados, pois a China passou de 0,8% na participação mundial de manufaturados em 1.980 para 1,85% em 1.990.

No gráfico abaixo, pode-se analisar o Produto Interno Bruto (PIB), assim como as Exportações Totais e as Importações Totais do Brasil na década de 80 e constatar que o PIB brasileiro cresceu substancialmente na segunda metade da década de 80. O mesmo aconteceu

com o índice de exportações totais brasileiras a partir de 1.986.

Outro aspecto é a balança comercial brasileira, que, principalmente na segunda metade da década de 80, tornou-se superavitária em decorrência do aumento das exportações ser maior do que o das importações, que é necessário para não gerar estagnação na economia de um país.

BRASIL, PIB E COMÉRCIO EXTERIOR

ANO	Produto Interno Bruto (PIB)		Exportações Totais		Importações Totais		Ativos do Público no Sistema Financeiro / PIB em reais	
	US\$ milhões	Variação (%)	US\$ milhões	Variação (%)	US\$ milhões	Variação (%)	US\$ milhões	Variação (%)
1.980	309,3	-----	29,3	-----	33,5	-----	14,3	-----
1.981	296,1	-4,3	31,1	6,2	29,5	-11,8	19,1	33,3
1.982	298,6	0,8	26,4	-15,0	25,4	-14,0	21,4	12,0
1.983	289,8	-2,9	28,3	7,2	19,9	-21,5	21,6	0,9
1.984	305,5	5,4	34,1	20,5	17,6	-11,9	23,2	7,3
1.985	329,5	7,9	32,5	-4,6	16,7	-5,0	23,1	-0,3
1.986	354,2	7,5	29,2	-10,2	18,3	10,0	22,1	-4,5
1.987	366,6	3,5	33,3	14,0	19,1	4,3	21,1	-4,4
1.988	366,4	-0,1	41,3	24,0	17,8	-6,7	23,1	9,4
1.989	378,0	3,2	40,1	-2,9	21,3	19,1	16,7	-27,6
Média								
1.981.-								
1.989	327,6	2,3	32,3	4,3	23,0	-4,2	20,0	2,9
Coeficiente de variação								
1.981.-								
1.989	0,1	1,8	0,1	3,1	0,2	-3,1	0,1	5,6

Fontes: IPEA/PIB e BACEN/DEPEC

7.2 1.990 a 1.999

Como se pode ver na tabela abaixo de 1.990 a 2.000 as exportações chinesas cresceram de US\$ 62.1 bilhões para US\$ 249.2 bilhões o que significa um aumento de 401,28% em apenas 10 anos.

CHINA: COMÉRCIO EXTERIOR

1.990-2.000 (US\$ BILHÕES)

Ano	Exportações	Importações	Saldo
1.990	621	53.4	8.7
1.991.	719	63.8	8.1
1.992	85.0	80.6	4.4
1.993	918	104.0	-12.2
1.994	1210	115.7	5.3
1.995	148.8	132.1	16.7
1.996	1511	138.8	12.2
1.997	1830	142.0	40.3
1.998	1838	140.2	43.6
1.999	1949	165.8	29.1
2.000	249.2	225.1	24.1

Fonte: Organização Mundial do Comércio

Grande parte de todo desenvolvimento chinês vem dos seus recursos naturais. Atualmente, dois dos produtos mais exportados chineses são roupas e alimentos, porque o país tem uma variedade tipológica invejável, possuindo as maiores quantidades absolutas das superfícies cultivadas do mundo e sendo um dos mundialmente principais produtores de algodão e seda. Além disso, a China exporta produtos eletrônicos e máquinas, que são

lançados no comércio internacional, com preços em condições excelentes de competição.

Um dos principais fatores que permite aos chineses o oferecimento de seus produtos no mercado internacional com baixo preço é justamente o fato de naquele país a oferta de mão-de-obra ser muito abundante, levando à diminuição dos gastos com este fator, o que reduz os custos de produção e conseqüentemente o preço final do produto. Isto torna a China um excelente parceiro comercial para importação de produtos.

O padrão de comércio exterior da China foi se alterando com o aumento dos produtos manufaturados no total das exportações de 48% em 1.983 para 83% em 1.994, e para 87% em 1.999. No comércio mundial de produtos manufaturados, houve um incremento da participação chinesa de 0,80% em 1.980 para 1,85% em 1.990, e 4,11% em 1.999. Já no início do século 21, as exportações de manufaturados chineses somam algo em torno de US\$ 150 bilhões. Desta maneira, fica fácil ver que a China é um ótimo exemplo para o Brasil, de que um país em desenvolvimento é capaz de gerar imenso volume de riqueza e certamente se refletirá no desenvolvimento da nação.

A tabela abaixo relaciona a composição das Exportações Chinesas por Intensidade de Fatores de Produção em 2.003, onde se pode ver que o índice de exportação chinesa se concentra no setor de manufaturados e de tudo que é exportado para o Brasil, 82,6%, é desse setor.

Composição das Exportações Chinesas por Intensidade de Fatores de Produção (%) 2.003					
Intensidade de Fatores de Produção	Mundo	Brasil	Estados	Mercosul	União
			Unidos		Européia
Energéticos	2,8	6,8	0,8	0	1,1
BÁSICOS	4,1	1,4	1,6	0,7	4
Agrícolas	3,6	1,3	1,3	0,5	3,4
Minerais	0,5	0,1	0,3	0,2	0,6
SEMIMANUFATURADOS	8,2	9,1	4,3	5,8	8,1
de origem agrícola intensivo em trabalho	3,3	0,7	1,8	1,1	2,5
de origem agrícola intensivo em capital	0,9	0	0,4	0,1	0,3
de origem mineral	4	8,4	2,1	4,5	5,3
MANUFATURADOS	84,7	82,6	93,2	93,4	86,7
intensivo em trabalho	39,8	25,3	44,9	38,1	33,4
intensivo em economias à escala	10,3	11,3	12,6	21	10,9
provedores especializados	12,6	19	12,2	17,8	15,6
intensivos em P&D	22	27	23,5	16,5	26,9
não catalogados	0,2	0	0	0,1	0,1

Fonte: Elaborado pela CNI com base nas estatísticas do PC - TAS da UNCTAD

Nesta década, o Índice de Mudança Estrutural, em cinco anos, da China, foi de 8,61% em 1.990, e de 9,61% em 1.995, enquanto os dados do Brasil foram de 9,59% em 1.990 e 8,41% em 1.995. Pode-se analisar que o nível de mudança estrutural brasileiro sofreu um decréscimo em seu valor enquanto a China continuava a aumentar seus níveis de crescimento, como provado na Taxa de Crescimento Anual do Valor Adicionado da Indústria brasileira, que foi de 2,0% entre 1.990 e 1.995 em contrapartida com a taxa chinesa, 1,7,0% no mesmo período (BONELLI, 1.998).



Fontes: OMC e CNI

Aumentando significativamente sua competitividade no setor de manufaturados, a China conseguiu índices bastante elevados nessa década, passando a participar com 4,11% da produção mundial de manufaturados em 1.999.

O comércio bilateral entre Brasil e China superou a média de produtos comercializados por ambos os países com o resto do mundo, crescendo a uma média anual de 20% ao ano na última década. O fluxo, gerado dessa troca, aumentou de US\$ 11 bilhão para US\$ 6,7 bilhões apenas neste período. Em 1.993, 2% de tudo que o Brasil exportava ia para a China enquanto o maior país da América do Sul, 0,33% do comércio total de exportação chinês. Já em 2.003, esses números cresceram, atingindo 6,2% de participação da China no total das exportações brasileiras e 0,49% de participação do Brasil no total de exportações chinesas e apenas, em 2.003, a taxa de crescimento deste comércio foi de 80% (CNI, 2.004).

O Brasil importa da china basicamente produtos manufaturados e exporta somente

alguns produtos básicos. O caminho para melhorar essa relação pode vir da diversificação das importações e exportações entre esses países, desconcentrando a pauta de importações e exportações (CNI, 2.004).

PIB – IMPORTAÇÕES E EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS

ANO	Produto Interno Bruto (PIB)		Exportações Totais		Importações Totais		Ativos do Público no Sistema Financeiro / PIB em reais	
	US\$ milhões	Variação (%)	US\$ milhões	Variação (%)	US\$ milhões	Variação (%)	US\$ milhões	Variação (%)
1.991	366,0	1,0	35,5	0,4	23,6	1,9	14,4	37,7
1.992	364,0	-0,5	40,0	12,5	22,9	-3,0	22,0	52,9
1.993	381,9	4,9	42,5	6,2	27,8	21,1	23,8	8,0
1.994	404,2	5,9	47,3	11,4	35,9	29,1	22,0	-7,3
1.995	421,3	4,2	48,8	3,1	52,5	46,1	25,2	14,4
1.996	432,5	2,7	49,0	0,3	54,7	4,2	23,8	-5,8
1.997	446,7	3,3	54,4	11,2	61,4	12,2	25,9	9,1
1.998	447,3	0,1	53,8	-1,1	60,8	-0,9	27,0	4,2
1.999	450,8	0,8	50,1	-7,0	51,4	-15,5	23,2	-14,2
Média								
1.990- 2.002	423,7	2,0	48,3	3,4	20,9	-2,8	20,2	-1,1
Coeficiente de variação								
1.990- 2.002	0,1	1,3	0,1	2,1	0,7	-5,9	0,1	-17,7

Fontes: IPEA/PIB e BACEN/DEPEC

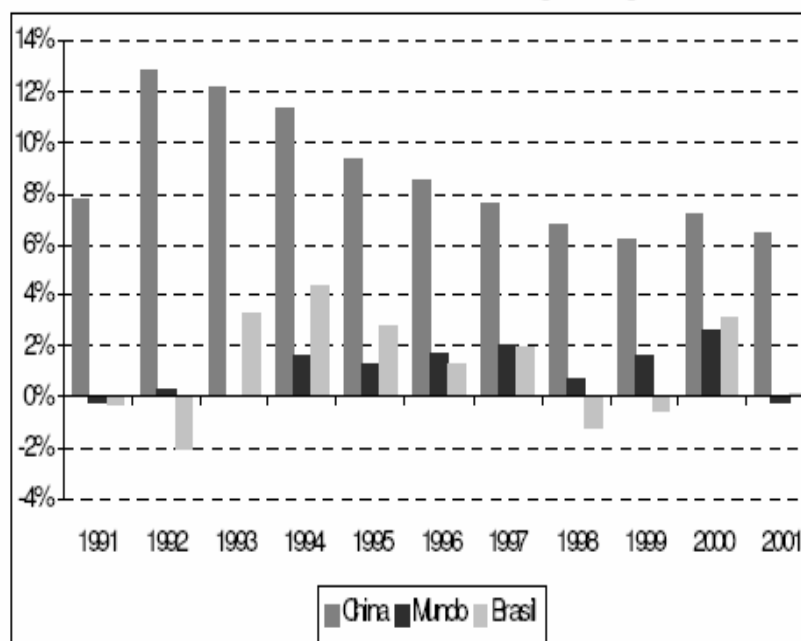
O PIB chinês cresceu, segundo o gráfico abaixo.

Comércio Externo Brasileiro - por Origem e Destino (1.990 – 1.998) - (US\$ milhões)						
	1.990		1.993		1.998	
	EXP.	IMP.	EXP.	IMP.	EXP.	IMP.
PAÍSES INDUSTRIAIS	21,3	12,4	21,5	15,3	26,6	33,4
ESTADOS UNIDOS	7,7	4,5	8,0	6,0	9,7	13,3
JAPÃO	2,3	1,6	2,3	1,5	2,2	3,2
EUROPA	10,5	5,7	10,5	6,8	14,7	16,8
ÁSIA	2,9	717	3,8	1,5	3,4	5,5
CHINA	382	203	779	149	905	1,0
CORÉIA DO SUL	543	96	538	320	467	992

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio

<http://www.mre.gov.br/cdbrasil/itamaraty/web/port/economia/comext/apresent/apresent.htm>

Gráfico 1
Taxa de Crescimento do PIB per capita



Fonte: Banco Mundial

7.3 2.000 a 2.004



Fontes: OMC e CNI

Tanto as importações chinesas quanto as exportações são concentradas no setor de manufaturados. As exportações representam 80% das vendas externas chinesas entre 1.999 e 2.001, principalmente os manufaturados intensivos de trabalho, que participa sozinho com 39,8% do total exportado pela China. Nas importações, o setor responsável pelo crescimento são os intensivos em P&D (Pesquisa e Desenvolvimento), que responderam por 24% do valor médio importado entre 1.999 e 2.001.

Em 2.003, de todo o comércio de exportação com a China, somente a soja e, surpreendentemente, o minério de ferro responderam por 40,5% do total das vendas brasileiras. Essa porcentagem, somada com a de outros oito produtos, atinge a marca de 70% da receita total de exportação do Brasil para a China, o que significa uma concentração de exportação de poucos produtos. O contrário acontece com as importações brasileiras da

China, onde o total de importações dos dez principais produtos não atingiu os 37%.

O Brasil exporta para o resto do mundo, principalmente produtos manufaturados, que, em sua maioria, são os intensivos de economia de escala, enquanto que para a China as exportações concentram-se em produtos básicos de origem agrícola e mineral. Somente em 2.001 a participação desses produtos na pauta brasileira de exportação para China representou 28,5% o que já diminuiu em relação a 1.999 que era de 31,2%.

Esse quadro de concentração de importações chinesas do Brasil vem mudando. Em 2.000, os produtos básicos das exportações brasileiras para a China somavam 68% do total exportado. Após 3 anos, este índice diminuiu para 50% do total exportado. O aumento de produtos manufaturados, que subiu de 19% para 26% no mesmo período, e de semi-manufaturados, principalmente a celulose e o ferro/aço, foram os responsáveis por essa descentralização de produtos exportados pelo Brasil (CNI, 2.004).

Composição das Exportações Brasileiras por Intensidade de Fatores de Produção (%) 2.003					
Intensidade de Fatores de Produção	Mundo	China	Estados Unidos	Mercosul	União Européia
Energéticos	1,80	2,10	4,60	1,30	0,60
BÁSICOS	18,80	59,70	7,90	6,00	31,20
Agrícolas	12,00	31,20	6,10	3,20	22,20
Minerais	6,80	28,50	1,70	2,80	9,00
SEMIMANUFATURADOS	28,80	15,90	19,20	18,90	36,40
de origem agrícola intensivo em trabalho	15,70	6,50	7,60	8,90	25,30
de origem agrícola intensivo em capital	6,40	7,90	3,70	4,00	4,50
de origem mineral	6,80	1,50	8,00	6,00	6,60
MANUFATURADOS	50,30	22,30	68,00	73,60	31,40
intensivo em trabalho	9,30	3,20	13,60	13,00	7,10
intensivo em economias à escala	19,10	9,20	19,20	32,40	10,50
provedores especializados	9,70	4,80	11,70	14,40	6,90
intensivos em P&D	12,20	5,10	23,40	13,80	6,90
não catalogados	0,30	0,00	0,30	0,20	0,40

Fonte: Elaborado pela CNI com base nas estatísticas do PC - TAS da UNCTAD

Com isso, o volume de exportações chinesas passou para US\$ 474,4 bilhões em 2.001, dando um salto superior a 23 vezes em relação aos US\$ 18 bilhões, registrado em 1.980. O Brasil, neste ano, representou o nono maior fornecedor da China. Um forte fator que ajudou esse crescimento foi a criação de uma forte legislação de proteção ao capital estrangeiro e sua entrada na OMC em 2.002 (Economia) (Folha de São Paulo, 2.001).

BRASIL, PIB E COMÉRCIO EXTERIOR

ANO	Produto Interno Bruto (PIB)		Exportações Totais		Importações Totais		Ativos do Público no Sistema Financeiro / PIB em reais	
	Valor (US\$ milhões)	Variação (%)	Valor (US\$ milhões)	Variação (%)	Valor (US\$ milhões)	Variação (%)	Valor (US\$ milhões)	Variação (%)
2.001	477,1	1,4	56,9	4,6	54,2	-1,5	20,3	1,5
2.002	485,3	1,5	60,2	5,9	47,2	-13,0	19,3	-5,1
Média								
1.981-2.002	379,7	2,1	41,0	3,8	20,3	-1,5	19,7	-0,7
coeficiente de variação								
1.981-2.002	0,1	1,5	0,2	2,6	0,7	-11,0	0,2	-30,2

Fontes: IPEA/PIB e BACEN/DEPEC

VIII - PERSPECTIVAS ATUAIS

Nas últimas três décadas a China passou de produtora manufatureira de baixa qualidade a grande exportadora de altíssima qualidade e de tecnologia. Em apenas 30 anos, após Deng Xiaoping (1970) reestruturar a economia, Jiang Zemin (1992) criar uma economia socialista de mercado e recentemente Hu Jintao dar continuidade ao processo e reforçar o desejo da China se tornar competitiva no mercado mundial, sua participação no mercado global passou de 1% na década de 1970 para 6,5% em 2004.

Em 2004 a China tinha US\$ 610 bilhões em reservas, um comércio de exportação de US\$ 594 bilhões e de importação de US\$ 561 bilhões, hoje possui US\$ 800 bilhões em reservas e estima que o comércio com o Brasil seja de US\$ 10 bilhões no ano de 2005.

Em reunião, o secretário-executivo do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Ivan Ramalho e o embaixador da China no Brasil, Jiang Yuande disseram que o comércio entre Brasil e China está concentrado em produtos básicos, como minério de ferro e soja, mas tem muito o que crescer no setor de manufaturados e completaram afirmando que as negociações para que o Brasil obtenha restrições voluntárias às importações da China continuam e que o comércio entre os dois países deve ter um aumento de 9,28% em relação a 2004 quando o comércio atingiu a marca de US\$ 9,15 bilhões.

Nos gráficos abaixo pode-se analisar que o volume de exportações do Brasil para a China cresceu 8,62% proporcional ao mesmo período no ano de 2004 e que as importações da China já obtiveram aumento significativo de 47,78% mesmo a estatística só contemplando os meses de janeiro a setembro de 2005.

	2004 (bilhões US\$)	De jan. a set. de 2004 (bilhões US\$)	De jan. a set. 2005 (bilhões US\$)	Crescimento (%)
Exportações do Brasil	5,44	4,38	4,76	8,62

	2004 (bilhões US\$)	Até set. 2005 (bilhões US\$)	Crescimento (%)
Importações da China	2,60	3,84	47,78

"A razão do crescimento de 50% das importações vindas da China em 2005 é o aumento das aquisições de insumos, componentes e matérias-primas para ampliar a produção industrial para o mercado interno e para exportações", disse Ivan Ramalho. Além de também estar relacionado à compra de bens de consumo.

Para o embaixador da China no Brasil, a China pode muito bem ocupar lugar de maior destaque no cenário de exportações do Brasil deixando de ser o terceiro maior importador de produtos brasileiros, atrás de Estados Unidos e Argentina em um prazo muito curto e atingindo a primeira colocação em longo prazo.

Segundo Jiang Yuande o comércio entre os dois países pode ser muito proveitoso para ambos, mas para isso o Brasil tem que ser mais agressivo para conquistar o mercado e precisa ainda, ter um espírito de conciliação, para criar um ambiente favorável aos chineses.

No ano de 2005 o Brasil vem negociando um acordo de restrição voluntária das exportações de produtos chineses, mas vem enfrentando problemas nas transações reguladas (remédios, telefonia, transportes), cerca de 15% do total comercializado na China. Para o embaixador Jiang uma solução pode ser negociada para que o Brasil obtenha restrições voluntárias às importações da China, em vez de aplicação de salvaguardas, observando que o Brasil é a maior fonte de déficit comercial da China na América Latina e que o percentual do comércio bilateral que seria afetado pelas salvaguardas responde apenas por 2% do comércio

bilateral, estimado em US\$ 10 bilhões em 2005.

Na avaliação de Ramalho, a negociação terá, em diversos setores, um efeito muito mais rápido do que as salvaguardas. 'Acho perfeitamente possível que os dois países fechem um acordo para a restrição voluntária. Para a indústria brasileira, a vantagem é ter aplicação mais rápida.'

	2003 (US\$ bilhões)	2004 (US\$ bilhões)	Até set. de 2005 (US\$ Milhão)
Superávit do Brasil em relação à China	2,38	1,73	921,14

Para um país com média de crescimento anual de 9,5% ao ano no período de 1981 a 2002, os atuais 7,5% previstos para o ano de 2005 não são tão estrondosos assim, mas se comparado ao Brasil que obteve média de crescimento de cerca de 4% aa após o plano real, a China pode se considerar uma gigante, pois, hoje em dia sua influência no mercado global é tão grande que qualquer deslize em sua economia pode significar grandes perdas para qualquer país do mundo.

Uma das alavancas desse crescimento é o setor de Pesquisa e Desenvolvimento chinês. O país é o terceiro do mundo em gastos com P&D, tendo aproximadamente 800.000 cientistas e engenheiros, possuindo o terceiro lugar do mundo na área de requerimentos de patentes, ficando atrás apenas de Estados Unidos e Japão.

O Brasil já começou a sentir a pressão da indústria chinesa nos setores de brinquedos, calçados, máquinas, têxteis e principalmente eletroeletrônicos e ópticos. Em 1990 o Estados Unidos importava do Brasil 13% da produção de calçados enquanto da China ele importava cerca de 30%. Hoje, devido à falta de investimento em P&D o Brasil é responsável

apenas por 7% do mercado de calçado estadunidense e a China por cerca de 67%.

O comércio do Brasil com a China apesar de ter crescido nas exportações brasileiras de US\$ 817 milhões em 1985 para US\$ 5,4 bilhões em 2004, pode apresentar ganhos muito maiores se os brasileiros começarem a exportar produtos manufaturados, de maior valor agregado, pois apesar do aumento significativo nos últimos 20 anos dos US\$ 817 milhões 64% eram produtos manufaturados e hoje dos US\$ 5,4 bilhões 59% são de produtos primários como minério de ferro e soja. O baixo valor agregado das commodities interfere diretamente na geração de empregos e limita os impactos sobre outros setores da economia mundial.

Um dos maiores ensinamentos chineses tem sido o de mandar o recado “prestem mais atenção à inovação e ao desenvolvimento de tecnologia própria. Sem isso, irão perder faixas de mercado a nível global”.

O Brasil sente o peso da mão-de-obra barata e qualificada, dos gastos em P&D e da gigantesca produtividade chinesa, mas mesmo assim tem condições de representar muito mais do que os 1% dos US\$ 561 bilhões gastos pela China em importações em 2004. Alternativas para ampliar seu portfólio seria melhor compreender o mercado chinês, aumentar os gastos com P&D, retomar o aumento das exportações de produtos com grande valor agregado, como manufaturados, repensar estratégias de industrialização e modelos de inserção global, pois são áreas que o Brasil pode explorar e obter vantagens competitivas afinal como dizem os chineses “períodos em crise também geram oportunidades”.

Perspectivas futuras podem vir de inúmeras áreas. Em 2007 a China irá abrir seu sistema financeiro e o Brasil por possuir uma vantagem competitiva mundial nesse ramo,

pode obter uma excelente oportunidade de inserção no mercado chinês, na área de biotecnologia a Embrapa pode desenvolver e comercializar tecnologia como a dos transgênicos e na área de turismo o Brasil pode não só oferecer excelentes destinos para os mais de 24 milhões de turistas chineses ano, como também apresentar projetos culturais, atrair investimentos diretos e indiretos aumentando a dimensão de produtos comercializados entre os dois países.

Apesar de ser uma competidora no mercado internacional comparada a qualquer país, a China tem que se tornar uma parceira comercial e de investimentos para o Brasil. Assim ela representará uma enorme oportunidade de negócios para as empresas nacionais dentro e fora do país.

CONCLUSÃO

A principal meta deste trabalho foi analisar os impactos econômicos que as relações comerciais Brasil China trouxeram à balança comercial brasileira de 1.980 a 2.004, através de aumento do fluxo de produtos comercializados tanto em exportações como em importações, atração de investimentos diretos e indiretos, incentivo ao turismo e a troca de experiências, dentre outros.

A relação comercial Brasil China é uma relação que tem potencial poder de crescimento, possuindo um mercado inimaginável e gigantesco por se tratar de dois países com proporções geográficas, financeiras e populacionais muito grandes. A falta de interesse na integração demonstrada até 1.980 foi um fator que atrasou o desenvolvimento da integração entre os dois países, mas a partir daí a reestruturação e adaptação da China no mercado mundial foi revista e melhorada. Haja vista o volume de exportação do Brasil comercializado com a China ter aumentado de US\$ 817 milhões em 1.985 para US\$ 5,4 bilhões em 2.004.

Apesar de todo o positivismo gerado em torno de uma enorme parceria bilateral com a China nosso país não tem um retrospecto tão positivo assim. Os chineses já se mostraram pouco confiáveis, pois não deram ao Brasil um voto favorável no conselho de segurança da ONU.

Na primeira parte, o trabalho apresenta dados e particularidades da China em geral, como características populacionais, organização política, economia interna e sua história comercial com o Brasil.

Num segundo momento é analisada a história comercial Brasil China após a abertura comercial da China em 1.980. As medidas adotadas pela China após a morte de Mao Tse Tung para tornar a economia chinesa uma das maiores economias mundiais e principalmente o reconhecimento positivo e a continuidade dessas decisões foram e são até hoje fatores importantíssimos e elucidados nesta parte. Índices como PIB, taxas de importação e exportação, comercialização, turismo, dentre outros, vêm crescendo e fazendo com que a balança comercial entre Brasil e China seja cada vez mais proveitosa e benéfica para os dois países.

Outro item abordado são as perspectivas do nosso país com os chineses, pois o Brasil apresentou superávit na balança comercial com a China de US\$ 1,73 bilhão em 2.004 e já apresenta de US\$ 921,1 milhão até setembro de 2.005, mesmo com a China apresentando médias de taxas de crescimento nas exportações superiores a 20% nos últimos 5 anos. Esta característica ajuda o crescimento econômico do Brasil, mas o gasto chinês já está sendo motivo de pressão para fazer com que o Brasil ao invés de adotar salvaguardas em um futuro acordo de restrição voluntária das exportações de produtos chineses negocie saídas, o que faz com que a solução chegue mais rapidamente às empresas.

Um ponto defendido e constatado foi o de que o aumento na integração entre os dois países se faz necessário para o desenvolvimento mais rápido e contínuo do crescimento da economia mútua. Mas apesar das similaridades com o Brasil a China apresenta um poder de crescimento muito maior devido a adoção de medidas que o norteiam, mas deixa claro que qualquer país pode se desenvolver e alcançar patamares superiores de economia.

O foco do trabalho foi demonstrar e quantificar taxas como PIB, importações, exportações, taxas de crescimento entre os dois países e até de citar medidas adotadas pela China que a levaram ao fim de seu isolamento econômico em 1.979 e que propiciaram e ainda contribuem para ela ser uma das maiores economias mundiais com projeção de crescimento enorme nos próximos anos.

Por último deve-se observar que políticas de integração e desenvolvimento de infraestrutura são imprescindíveis para o bom andamento das relações entre dois países. Tais políticas só puderam passar a fazer parte da agenda brasileira a partir da abertura comercial chinesa e principalmente a partir do momento em que a China passou a ser conhecida como “um país, dois sistemas”, devido à decisão de manter características capitalistas em dois territórios, Macau (reintegrado em 1.999) e Hong Kong (reintegrado em 1997) mesmo sendo um país comunista.

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, C. **A China depois de Mao**. Lisboa: Edições 70, 1.978.

BELLUCCI, B. **Abrindo os olhos para a China**. Centro de Estudos Afro-Asiáticos da Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro: Universitária Cândido Mendes, 2.004.

BONELLI, R.; GONÇALVEZ, R. **Padrões de Desenvolvimento Industrial no Brasil**. Rio de Janeiro, 1.999.

_____. Confederação Nacional da Indústria – Unidade de Integração Internacional. Características e Possibilidades de Incremento do Comércio Bilateral Brasil-China. Brasília: 2.004.

CHEVRIER, Y. **Mao e a Revolução Chinesa**. São Paulo: Ática, 1.996.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA – CNI. Desenvolvido pela Confederação Nacional da Indústria – CNI. Disponível em <http://www.cni.org.br>. Brasília, 2.005.

Salvatore, D. Introdução à Economia. São Paulo: Santos Marcondes Gráfica, 1981.

EMBAIXADA DA CHINA. Desenvolvido pela Embaixada da China no Brasil. Conteúdo sobre as relações diplomáticas entre Brasil e China. Disponível em <http://www.embchina.org.br>. Brasília, 2.005.

GONÇALVES, R. **O módulo periferia da periferia de Lula e as relações com a China**. Correspondência Internacional n°1.5, 2.004.

JUNIOR, J. T. de ARAUJO. **Negociações na OMC**. A Economia Chinesa e as Normas Antidumping. Disponível em <http://www.funex.com.br>. Rio de Janeiro, 2.003.

KISSINGER, H. **Diplomacia das Grandes Potências**. Rio de Janeiro: Francisco Alves 1.999.

LIMA, H.; PEREIRA, D.; CABRAL, S. **China: 50 anos de República Popular**. São Paulo: Anita Garibaldi 1.999.

MARTINS, M. **Ásia Maior**. O Planeta China. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1.958.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. Desenvolvido pelo Ministério das Relações Exteriores. Conteúdo sobre as relações exteriores brasileiras. Disponível em <http://www.mre.gov.br>. Brasília, 2.005.

RIBEIRO, F.; POURCHET, H. **O Perfil do Comércio Brasil-China**. Disponível em <http://www.funcex.com.br>. Rio de Janeiro, 2.004.

SCHRMANN, F.; SCHELL, O. **China Republicana**. El Nacionalismo, La Guerra y El Advenimiento del Comunismo. México: Fondo de Cultura Económica, 1.971.

SHI, QIN. **China 1.998**. Beijing: Nova Estrela, 1.998.

SOARES, C. CÉSAR. **Introdução ao Comércio Exterior**. Fundamentos Teóricos do Comércio Internacional. São Paulo: Saraiva, 2.004.

ZEMIN, J.; PENG, L. **Hablan de la Cuestion de Taiwan**. México: China Intercontinental Press, 1.996.